

LOS FRANCISCANOS
EN EL
NUEVO MUNDO
(SIGLO XVII)

II

V CENTENARIO DEL DESCUBRIMIENTO DE AMERICA

III Congreso Internacional sobre los Franciscanos en el Nuevo Mundo.

ORGANIZA:

- Monasterio Franciscano de La Rábida.

PATROCINAN:

- Comisión Nacional del V Centenario.
- Instituto de Cooperación Iberoamericana.
- Consejería de Cultura y Medio Ambiente de la Junta de Andalucía.
- Patronato del V Centenario de Huelva.
- Comisión Episcopal para el V Centenario.

COLABORAN:

- Universidad Hispanoamericana de Sta. María de La Rábida.
- Caja de Ahorros de Huelva.
- Industrias Químicas de Huelva.
- Afinsa-Central de Peregrinaciones.
- Ayuntamientos de Palos de la Frontera, Huelva y Moguer.

Actas del III Congreso Internacional
sobre
LOS FRANCISCANOS EN EL NUEVO MUNDO
(siglo XVII)

La Rábida, 18-23 de septiembre de 1989



Editorial DEIMOS, S. A.
Glorieta del Puente de Segovia, 3. Telf. 479 23 42
28011 MADRID

PRESIDENCIA DE HONOR

Excmo. Sr. D. JOSE RODRIGUEZ DE LA BORBOLLA
Presidente de la Junta de Andalucía.

Excmo. Sr. D. LUIS YAÑEZ BARNUEVO
Secretario de Estado para la Cooperación Internacional e Iberoamérica y Presidente de la Comisión Nacional del V Centenario.

Rvmo. P. Fr. JOHN VAUGHN
Ministro General de la Orden Franciscana.

Excmo. Sr. D. JAVIER TORRES VELA
Consejero de Cultura de la Junta de Andalucía.

Excmo. Sr. D. CARLOS AMIGO VALLEJO
Arzobispo de Sevilla y Presidente de la Comisión Episcopal del V Centenario.

Excmo. Sr. D. MANUEL EUGENIO ROMERO CASTILLA
Presidente de la Diputación de Huelva y del Patronato del V Centenario.

Excmo. Sr. D. RAFAEL GONZALEZ MORALEJO
Obispo de Huelva y Presidente de la Comisión Diocesana del V Centenario.

Rvdo. P. Fr. ANTONIO ENRIQUEZ GUERRERO
Ministro Provincial de la Provincia Bética Franciscana.

Excma. Sra. D^a. PILAR PULGAR FRAILE
Alcaldesa de Palos de la Frontera.

Excmo. Sr. D. JUAN CEADA
Alcalde del Ayuntamiento de Huelva.

Excmo. Sr. D. FRANCISCO DIAZ OLIVARES
Alcalde del Ayuntamiento de Moguer.

COMISION ORGANIZADORA

Director: Dr. PAULINO CASTAÑEDA (Universidad de Sevilla).

Vicedirectores: Fr. LUIS BLANCO (Monasterio de La Rábida).
Dr. PEDRO BORGES (Universidad Complutense de Madrid).

Secretario: Dr. JUAN MARCHENA (Universidad de Sevilla).

© Reservados los derechos de propiedad
Foto de portada: José L. de las Cuevas Batlle

I.S.B.N.: 84-86379-12-1 • Depósito legal: M. 14.765-1991 • Composición: DEIMOS. Glorieta del Puente de Segovia, 3 • Tel. (91) 479 23 42 - 28011 Madrid • Imprenta FARESO, S. A. - Paseo de la Dirección, 5 - 28039 Madrid.

LOS FRANCISCANOS PORTUGUESES EN BRASIL EN EL S. XVII.

Por Dr. MANUEL PEREIRA

Universidad de Lisboa.

Introdução.

Os religiosos franciscanos portugueses, durante o séc. XVII, tiveram uma presença efectiva e exerceram várias actividades no campo religioso, sócio-caritativo e cultural. O séc. XVI para os franciscanos portugueses foi destinado a um conhecimento episódico e ao levantamento dos diversos problemas que afectavam não só os indígenas, mas também a população portuguesa que ao longo da costa se ia fixando.

Realmente, no séc. XVI, como é referenciado por diferentes cronistas, a presença franciscana portuguesa era “ambulante” já que a finalidade era ajudar os índios a um melhor desenvolvimento sócio-económico e ainda ao anúncio da mensagem evangélica.

Governadores houve que exerceram a sua influência junto dos superiores provinciais para que os franciscanos portugueses ficassem permanentemente em terras de Vera Cruz. Nesta altura, e por razões de ordem religiosa, o interesse da missão franciscana fixava-se no Extremo Oriente. Assim, e a pedido do capitão donatário de Pernambuco, Jorge de Albuquerque (1), erigiu-se, no ano de 1584, a Custódia de Santo António que a pouco e pouco foi estabelecendo algumas residências quer a Sul quer a Norte dessa capitania.

(1) Jorge de Albuquerque Coelho filho do grande Duarte Coelho Pereira, Senhor Donatário da Capitania de Pernambuco. Fora-lhe dada esta pelo Rei D. João III, em satisfação do que na Índia obrara em serviço da Coroa. Jaboatam, frei António de Santa Maria, *Novo Orbe Serafico Brasilico, ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*, vol. I, livro I, p. 120, nº 103, Rio de Janeiro 1858.

Fundação da Custódia de Santo António do Brasil.

Havia dezasseis anos que a Província de Santo António de Portugal se separara da Província de Nosso Pai São Francisco da Regular Observância em Portugal. O Ministro Geral da Ordem pediu a Sua Santidade, o Papa Pio V, a criação da Custódia de Santo António do Brasil que lhe foi concedida pelo breve "*Sacrae Religionis sinceritas*". O breve do Santo Padre apenas confirmava o que os padres capitulares acharam por bem determinar no capítulo Provincial realizado no convento de S. Francisco de Lisboa, no ano de 1565. Nessa altura, foram nomeados para fundar a Custódia do Brasil, os seguintes religiosos: Melchior de Santa Catarina, Francisco de S. Boaventura, Francisco dos Santos, Afonso de Santa Maria e Manuel da Cruz, sacerdotes, António dos Mártires, corista, todos estes religiosos da Província de Santo António de Portugal e ainda António da Ilha, sacerdote da Província da Piedade bem como Francisco da Cruz, religioso leigo, da Província de Portugal (2).

Nesta sua primeira viagem para terras de Santa Cruz, o barco em que viajavam, por razões previamente determinadas, atracou nas ilhas de Cabo Verde. Os cronistas da altura, são unânimes em afirmar que a acção destes franciscanos foi então extraordinária na luta contra a peste que alastrava por todas as Ilhas do Arquipélago.

Estes missionários franciscanos, quais outros samaritanos, exerciam a sua actividade missionária, pela primeira vez, após a sua largada de Lisboa (3).

Esta embaixada franciscana chegou ao Brasil no dia 12 do mês de Abril de 1585. Ficaram hospedados na cidade de Olinda, numa residência cedida para o efeito por um grande comerciante da região, de nome Filipe Cavalcanti. Improvisaram um simples oratório para a oração e esperavam ansiosamente para que as obras do convento terminassem. A população, o empreiteiro e os religiosos apostavam na mudança definitiva para o dia da festa de S. Francisco, 4 de Outubro de 1585.

Os sacerdotes franciscanos e os outros religiosos que os acompanharam dedicaram-se na ajuda ao clero secular, estabelecido já nesta altura na cidade de Olinda, aos cuidados aos enfermos, aos órfãos e às viúvas (4).

(2) Idem, p. 126, n^o 111.

(3) Idem, p. 130, n^{os} 114, 115.

(4) Vita Franciscana, Anregungen und Nachrichten aus der Provinz der Unbefleckten Empfängnis in Sudbrasilien, Romag, Dagobert, *A Custódia de Santo António do Brasil (1584-1657)*, September 1937, p. 91.

A Custódia durante o governo de Frei Malaquias de Santa Catarina (5).

O Custódio, nomeado em capítulo provincial, apostou, em 1^o lugar, na fundação de novos conventos e novas missões. Para tais se fundou nos pedidos chegados dos fieis da cidade da Baía e seus chefes religiosos e civis donde se destacam o bispo D. António Barreiros (1576-1596) e o governador geral Manuel Teles Barreto (6).

Em 1586, o bispo D. António Barreiros, em visita canónica à sua diocese, pediu aos franciscanos António da Ilha, Francisco de S. Boaventura e a outro religioso, cujo nome não é mencionado, que fossem iniciados os trabalhos da construção dos novos conventos e outras obras afins. Uma vez iniciadas ficou encarregado da sua direcção frei Francisco de São Boaventura. As dificuldades, porém, foram tantas que o custódio resolveu enviar frei Francisco a Portugal a fim de pedir aos frades franciscanos novos reforços para tão arrojada missão.

Em 8 de Abril de 1587, fez-se escritura pública e, entretanto, chegaram à Custódia mais seis missionários da Província de Santo António (Prov. de Portugal), que levavam como superior frei António de Campo-Maior, religioso da província da Piedade (7).

Logo em Junho desse mesmo ano, foram as intenções do padre Custódio desviadas para uma nova fundação em Iguaraçu. A presença dos frades de S. Francisco não só alterou os hábitos da população ali estacionada, mas modificou os costumes da população circunvizinha. Frei António de

(5) Melchior de Santa Catarina: "O novo custódio nascera por volta de 1546, filho de nobre família dos britiandos, vestira o burel seráfico, em 1562, e cursara a universidade de Coimbra. Munido de faculdades especiais, por Frei Gonzaga assumiu o cargo espinhoso de radicar a sua ordem, no Brasil, depois de nove tentativas baldadas.

Varão enérgico, desincumbiu-se da nova missão alcançando com o governo português a chamada "ordinária" para o Convento de Olinda e para as futuras fundações do Brasil.

A 1 de Janeiro de 1585, embarcou frei Melchior à frente de seis missionarios. Não tardaram as provações da viagem marítima; pois uma epidemia atacou todos, com excepção do Custódio, dando a este ensejo para servir de enfermeiro aos súbditos e demais doentes, até que o mal prostrou tam bém o bom samaritano, exausto de tanta lida". Willeke, frei Venâncio, *Franciscanos na História do Brasil*, Petrópolis 1977, p. 40.

(6) Vita Franciscana, Romag, Dagobert, *A história dos Franciscanos no Brasil dede os princípios até a criação da Província de Santo António (1500-1659)*, September 1957, p. 93.

(7) Idem, p. 93.

Campo-Maior foi convidado a iniciar a fundação das missões de Itapésima, Ponta das Pedras e Itacamará (8).

Entretando o custódio encarregou os padres António dos Mártires e António das Chagas da fundação de um convento na Vila de Victória (Espírito Santo) onde chegaram em finais do ano. Festivamente recebidos pelas pessoas gradas da provação, foram hospedados, durante alguns meses, na casa de Marcos de Acevedo. Escolhido o local para a fundação do convento, logo ergueram uma “acanhada” residência para ser refúgio material e espiritual. Como referem os cronistas, o donatário, *Vasco Fernandes Coutinho Filho*, principal promotor da fundação, havia falecido a 5 de Maio de 1589 o que tornou difícil as obras do convento. Sem se saber ao certo, os frades ali estacionados são chamados a Olinda não apenas para informar mas, decerto, porque a Província de Santo António de Portugal não estaria interessada em tal fundação. E o cronista refere que deixaram a Vila depois de apenas terem reunido algum material para a construção do convento (9).

A pedido insistente da população e das autoridades, o Custódio reenviou os mesmos religiosos (António dos Mártires e António das Chagas) com a incumbência de voltarem a dirigir as obras e, so mesmo tempo, deslocarem-se à cidade do Rio de Janeiro a entender-se com as autoridades, que desejavam ver ali erguido um convento franciscano (10).

Escolheram o local situado no promontório do morro, a que se chamou da Fonte Grande, lugar inculto e pedregoso, mas abundante em água que corria naturalmente do morro.

No ano de 1591, resolvido o problema da doação do terreno, os religiosos fundadores lançaram a primeira pedra do convento, dedicado a S. Francisco (11).

Iniciada a construção, os franciscanos ali destacados, deslocaram-se à cidade do Rio de Janeiro à procura de novo terreno para o levantamento doutro novo convento agora dedicado a Santo António. Conseguiram obter a ermida de Santa Luzia com os terrenos anexos, vindo mais tarde esta doação a ser trocada pelo morro de Santo António (12).

(8) Idem, p. 94.

(9) Röwer, frei Basílio, *Páginas da História Franciscana no Brasil*, Petrópolis 1957, pp. 28, 29.

(10) Idem, p. 29.

(11) Idem, p. 30.

(12) Idem, p. 30.





Em Paraíba, frei António do Campo-Maior levantou um pequeno ermitério, mas as autoridades e o povo porfiavam em obter as esmolas necessárias para que ali se erguesse um convento e uma Igreja (13).

O mesmo aconteceu em *Braço de Peixe ou Pirajuba*, porém, o custódio dos franciscanos não quis aceitar, já que ali estavam os Jesuítas com uma Igreja a seu cuidado, embora sem residência permanente naquela localidade. Apesar desta situação, foi possível erguer escolas, capelas e todos os serviços necessários à evangelização (14).

Avanços difíceis da Custódia.

Não se deu fé de que os frades alguma vez se tenham recusado a construir novas igrejas e conventos reivindicados pelo povo e autoridades, sabe-se, porém, que frei António da Estrela afiançava ser mais importante “Consolidar o existente para assim conservar o bom espírito religioso e a disciplina regular” (15).

Do existente se conclui que os superiores da época visitavam os seus irmãos, enquanto promoviam conferências de moral, organizavam os estudios e cuidavam da vida conventual e da vida religiosa (16).

No cômputo geral, e para além de uma ou outra mancha, as autoridades civis ajudaram os missionários. A título de exemplo, o Governador do Estado de Paraíba, Feliciano Coelho, fez em 1597, alocações públicas contra a presença dos frades e à doutrina por eles pregada, destruindo, em breves instantes, o que os frades estiveram incutindo na mente do povo durante vários anos (17). Também a rivalidade havida entre franciscanos e Jesuítas não facilitou, nesta fase, a evangelização dos Índios. As autoridades religiosas e civis tomavam posição e facilitando as discórdias que cresciam na noite da ignorância popular. Por isso, Feliciano Coelho de Carvalho correu a relatá-las ao rei D. Filipe I, como já o tinha feito o seu antecessor. O rei terá respondido que se fizesse um inquérito de modo a suprimir as dissensões e a evitar escândalos entre os neo-convertidos, e ordenou, por decreto de 15 de Março de 1593, que os padres Jesuítas

(13) Vita Franciscana, Romag, Dagobert, *A História dos Franciscanos no Brasil desde os princípios até à criação da Província de Santo António (1500-1659)*, September 1937, p. 96.

(14) Idem, p. 97.

(15) Idem, Januar 1938, p. 1.

(16) Idem, Januar 1938, p. 1.

(17) Idem, Januar 1938, p. 2.

abandonassem a capitania de Paraíba. Nesse mesmo ano, em 1593, o Governador Feliciano Coelho executou a ordem real (18).

A Custódia, no séc. XVII e mesmo em finais do séc. XVI, “rompia” o cerco e fazia grandes progressos. São prova cabal desta nossa informação, os novos conventos do Recife, Ipojuca e Rio de Janeiro.

Fundação do Convento de Santo António do Recife.

Na altura, era custódio frei Leonardo de Jesus. As obras tiveram início a 28 de Outubro do ano de 1606 a pedido dos moradores da Vila. Nessa altura, a população era diminuta. As obras iniciaram-se com a construção duma residência e um Oratório. Para primeiro Superior foi nomeado frei António Boaventura que, tempos antes, terá sido guardião do convento de Olinda. Foi acompanhado pelos religiosos frei Bernardino Neves, Manuel de S. António (corista) e Gaspar de S. António, irmão leigo. Segundo o cronista Jaboatão o convento era “alegre, vistoso, e aprazível”. Era um convento que estaria segundo as exigências da reforma; nem muito grande nem muito pequeno. Tem dependências específicas próprias como: pequena capela dedicada a N. Senhora da Saúde, em cujo altar-móre, em nicho próprio, se encontra a estátua de Nossa Senhora da Piedade, venerada por colonos e por indígenas. No meio do claustro se encontra a sala do capítulo e nesta uma estátua em honra de S. Boaventura. No outro lado do claustro, uma pequena capela dedicada a N. Senhora do Rosário, onde se entoam todos os sábados, as *Avé Marias e a Salvé Rainha*. No altar mor se encontram as estátuas de S. Francisco e de S. Domingos, Sobre o sacrário um nicho dourado representa a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Tem a Igreja do convento dos altares laterais, um dedicado à Imaculada Conceição e outro a S. Francisco. Ainda no corpo da Igreja uma estátua dedicada a S. Benedicto dando origem à confraria com o seu nome e dotada de estatutos próprios. Tem este convento uma enfermaria para os religiosos doentes e para quantos estavam ao serviço daquela comunidade. No ano de 1750, acrescentou-se mais um andar para melhorar os serviços dos doentes. Deste local se avistam todas as Igrejas “Conventos, Sé, Palácio Episcopal, e tudo o mais, com aquela distinção, e clareza, que forma os olhos, hũa perspectiva muy divertida e agradável” (19).

(18) Idem, Januar 1938, p. 2.

(19) Jaboatam, Fr. António de Santa Maria, *Novo Orbe Serafico Brasilico, ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*, Vol. I., 1, 2a. parte, pp. 438-447.

Ali escolheram sepultura entre outros Isabel Tavares, viúva de Manuel de Pinho, sepultada na capela-mór. No cruzeiro está uma sepultura, em campa de mármore, com a seguinte inscrição: “Sepultura do maior peccador Bras Mendes do Crato, sua mulher Joanna de Oliveira, e seus erdeiros. P. N. Ave Maria 1693” (20).

No altar de Nossa Senhora da Conceição, e sua capela repousa Melchior Alvares e seus herdeiros com o compromisso de velar pela ordem e necessidades da capela (21).

O altar de S. Francisco foi doado ao capitão João de Mendonça e seus familiares, com a obrigação de velares pela limpeza da capela (22).

Por debaixo da tribuna do altar-mór foi sepultado o síndico do convento, Manuel Cardoso Rosa (23).

Fundação do Convento de Pojuca.

Segundo refere o cronista Joaboatão durante muitos anos, em Pojuca, se conservaram os nomes principais de algumas famílias que ali se estabeleceram. Foram os “Achiolis, Rolins, Cavalcantes, Albuquerque, Lacerdas, Mouras e outras mais” (24).

A pedido das autoridades e da população foi fundado um convento na povoação. Era custódio frei António da Estrela que aceitou o terreno destinado ao convento. Para ali enviou, como seu delegado, frei António de S. Boaventura, acompanhado de frei Simão da Assunção (confessores) e de frei António dos Anjos (corista). Quando chegaram, foram recolhidos pela família de João Dias de Lyra. Nas instalações semi-improvisadas ergueram um oratório para celebrarem missa. Por aqui estiveram largos meses, procurando do que era necessário para a nova fundação. A seu tempo, diz-nos o referido cronista, abandonaram o local indo fixar-se no convento de Olinda (25).

Sendo Superior da Custódia frei Leonardo de Jesus, e encontrando-se no convento da cidade de Olinda, no ano de 1606, foi abordado pelos principais habitantes de Pojuca, que lhe pediram a construção do convento

(20) Idem, p. 451.

(21) Idem, p. 451.

(22) Idem, p. 451.

(23) Idem, p. 452.

(24) Idem, p. 477.

(25) Idem, p. 478.

que no mandato do seu antecessor lhes havia sido prometido. O custódio aceitou o pedido e nomeou para esta nova missão frei António da Ilha (como superior), e ainda acompanhado pelos frades João da Esperança (pregador), Melchior da Madalena (sacerdote), e João da Madalena (corista) (26).

A bênção da primeira pedra ocorreu no dia de Reis, no ano de 1608, estando presente o P. Custódio. E para realçar mais esta data, o cronista diz apenas: "Lembrança do dia em que se botou a primeyra pedra em o alicerce deste Convento de Santo Antonio, que se fez nesta povoação de Pojuca, a qual pedra trouxeram quatro homens, com suas vestias brancas em hũa padiola de dentro da Igreja donde os frades diziaõ missa. Os homens, que trouxeraõ foraõ Antonio Ribeyro de Lacerda, e seu Irmaõ Cosme Dias da Fonseca, e seo cunhado D. Jeronymo de Moura, e Fernaõ Rodrigues de Castro. Esta pedra foi em procissaõ com a Imagen de Santo António sobre ella e depois de chegar ao alicerce a benzeo o custodio Fr. Leonardo de Jesus e diceraõ as ladainhas; e acabadas ellas as puzeraõ no alicerce e foi assentada pelo pedreiro Miguel Ramos; e Antonio Ribeyro de Lacerda ao assentar a pedra botou no alicerce ao longo della obra de dez cruzados, em patacas, as quaes recebeu o dito pedreiro. Os que ajudaraõ a assentar a pedra foi o dito Antonio Ribeyro de Lacerda, e Vicente Gonçalves, e Manoel Conçalves Olinda, e foi isto em hum domingo dia de Reys seis de Janeyro de 1608 annos, e houve missa cantada, que a cantou o P. Vigario Sebastião Rodrigues na Igreja do Oratorio dos Frades. Era o ano de 1607 (27).

Presidiu a toda esta obra o Superior nomeado pelo custódio. A architectura era simples, austera e pobre como convém ao Espirito franciscano. Segundo o cronista, já referido, fica situado no ponto mais alto da povoação. Ali perto corre um rio com o mesmo nome (28).

Fundação do Convento do Rio de Janeiro.

Nos finais do séc. XVI, chegaram ao Rio de Janeiro os frades frei António dos Mártires e frei António das Chagas para dirigirem os trabalhos de uma nova fundação que o Governador da cidade e os officiais da câmara insistiam em pedir. Foi-lhes dado (aes religiosos) um terreno nas imedia-

(26) Idem, p. 479.

(27) Idem, p. 479-481.

(28) Idem, p. 482.

ções da actual Igreja de Santa Luzia, mas diversas circunstâncias impediram o levantamento desta obra tão necessária (29).

Na primeira década do séc. XVII, alguns religiosos, acompanhados pelo próprio custódio se deslocaram à cidade do Rio de Janeiro e não achando o local exacto para levantamento do referido convento, pediram que lhes fosse doado o morro do Carmo, que na altura se passou a chamar morro de Santo António. Tempo depois, não muito, iniciaram-se os preparativos, fazendo-se uma casa provisória para habitação dos religiosos e ali foi colocado frei Vicente do Salvador como superior (30).

As obras do convento do Rio de Janeiro foram dirigidas por frei António da Madre de Deus e, anos mais tarde, inauguradas por frei Vicente do Salvador, que havia sido nomeado custódio no capítulo provincial, celebrado a 15 de Fevereiro de 1614, em Lisboa. Era Guardião frei António do Calvário que a 7 de Fevereiro transitara, oficialmente, com a comunidade para o convento (31).

Anos mais tarde, foi estabelecida neste convento a sede do comissariado dos conventos do sul do Brasil.

Com este número de conventos espalhados desde o Norte do Brasil até ao Sul, procurou o custódio ter uma maior autonomia e foi conseguida no mandato de frei Vicente que, no capítulo de 15 de Outubro de 1614, realizado em Olinda, conseguiu que aí fossem eleitos os primeiros definidores, que foram: frei António da Ilha, frei Manuel do Porto, frei Bernardino de Santiago e frei Simão de Santo António. E . . . apesar do capítulo ter tido já um sinal de autonomia, a custódia continuou dependente da Província de Santo António de Portugal. Após este pequeno triunfo

(29) Röwer, frei Basílio, *Páginas da História Franciscana*, Rio de Janeiro (Petrópolis), 1957, p. 71.

(30) Frei Vicente, natural da Baía, benemérito não só do Rio de Janeiro, como também de toda a Custódia, nasceu de pais piedosos, em 1564, sendo seu pai João Rodrigues Palha e a mãe Messia de Lemos. Foi baptizado aos 28 de Janeiro de 1567, na catedral da Baía. Estudou gramática e filosofia no Colégio da mesma cidade e completou os seus estudos na Universidade de Coimbra. Douturou-se em Teologia e em ambos os direitos. Voltou ao Brasil, onde logo depois da ordenação sacerdotal, foi nomeado cônego e Vigário Geral da diocese da Baía. Renunciou, porém, em breve a este cargo para vestir o hábito de São Francisco aos 27 de Janeiro de 1599, professando no Convento da Baía, aos 30 de Janeiro de 1600.

Vita Franciscana, Romag, Dagobert, "*A História dos Franciscanos no Brasil desde os princípios até a criação da Província de Santo Antonio (1500-1659)*". Janeiro (Januar) 1938, p. 4.

(31) Idem, p. 4.

(nomeação dos definidores custodiais), o P. Custódio, frei Vicente do Salvador, regressou à Província trazendo consigo a Crónica da Custódia com a intenção de a imprimir, desejo que, infelizmente, não foi conseguido (32).

As Missões Franciscanas no tempo da prefeitura apostólica de Pernambuco.

A pedido do governo de Lisboa, o Papa Paulo V (1605-1621), erigiu a Prefeitura Apostólica de Pernambuco, sendo nomeado prelado o P. Anónio Teixeira Cabral (1616-1622). Segundo Romag “foi ordenado que todas as Missões de Pernambuco, administradas desde 1586 pelos frades menores independentes dos ordinários em quanto ao espiritual, e ainda dos governadores em coisas temporárias, por privilégios reais e breves pontifícios se entregassem a esta perfeitura”. Os próprios frades eram de opinião que os índios da região já estavam bastante instruídos na lei de Deus o que, por isso mesmo, a presença dos missionários seria mais útil em outros locais onde o “gentio” sentisse maior utilidade e necessidade da presença dos missionários franciscanos. Mas . . . a transferência apenas se realizou no ano de 1619 e, infelizmente, esta não foi nada benéfica aos índios, já que estes estavam acostumados a que os religiosos franciscanos os defendessem contra a prepotência dos colonos e autoridades (33).

Pensamos mesmo que foi esta tomada de posição que fez com que os franciscanos não construíssem convento em Cerecipe do Conde como havia sido planeado pelo Custódio, frei Paulo de Santa Catarina (34).

Vida da Custódia de Santo António.

Se a custódia teve dificuldades no seu desenvolvimento interno, segundo alguns autores, foi a política civil a grande culpada dessas dificuldades. Em 1580, após uma década de hipocrisia e indecisão, Portugal, pelo desti-

(32) Idem, pp. 4, 5.

(33) Idem, pp. 5, 6.

(34) Frei Paulo, nascido em Olinda no ano de 1575, era filho de uma das mais antigas e ilustres famílias do Brasil, sendo seu pai Filipe de Moura e sua mãe Genebra Cavalcanti. Apenas com 20 anos casara-se com Maria de Melo. Falecida sua jovem esposa, pouco depois do casamento, Paulo pediu humildemente o hábito de S. Francisco. Professou a 29 de Setembro de 1596.

Estudou Filosofia e Teologia em Portugal. Exerceu vários cargos na Província e a 14 de Janeiro de 1617 foi nomeado Custódio. Deu força às obras do Brasil.

Vita Franciscana, Romag, Dagoberto, Januar 1938, p. 6.

no da própria história, passava a ser governado por um rei estranho ao povo, Filipe II (I de Portugal), sobrinho do Cardeal rei. Os finais do séc. XVI, porém, e apesar de tudo, foram mais fáceis que os anos iniciais do séc. XVII. Atestam alguns cronistas, que no mandato de frei Manuel de Cristo (1619-1624), o custódio sentiu necessidade (tais eram as pressões) de pedir autorização ao rei Filipe III para construir novos conventos em território brasileiro, licença que foi concedida (35).

Para além das dificuldades de natureza política, uma outra força se movimentava no “palco” da luta. Eram os holandeses. Durante um período de mais de 30 anos os “piratas” holandeses procuraram intimidar as populações nativas e as autoridades portuguesas. A época não era nada fácil. O império espanhol estava em conflito declarado com a Inglaterra, França e Holanda. Uma das consequências imediatas por esta nova situação, foi a invasão das colónias portuguesas por estas nações. Foi no Oriente (Cochim e Malaca), Angola (Luanda) e até o vasto Brasil não foi poupado.

Esta situação tem uma explicação simples. Os homens de negócio da Holanda, antes da perda da independência de Portugal, abasteciam-se no mercado de Lisboa. Portugal, infelizmente, durante o séc. XVI, continuava a favorecer uma política atinada ao transporte de especiarias! . . . Perdido o local de abastecimento, os holandeses, principalmente estes, viram-se na necessidade de “inventar” processo que não se lhe tornasse hostil. A primeira novidade foi a criação da companhia das Índias Orientais que lhes proporcionava riquezas fabulosas. E a Europa necessitava ainda das mercadorias do mundo oriental!.

Era necessário conseguir um caminho capaz de conduzir as especiarias do Ocidente (concretamente do Brasil) até ao mercado europeu. Sendo assim, aos holandeses, em conflito aberto com o Império espanhol, não lhe repugnava o ataque às colónias portuguesas. A *guerra de conquista* era uma saída. O ponto escolhido para esta nova situação foi a cidade de Baía, já que, na altura, esta cidade era a mais importante de todo o comércio. E . . . a guerra que no início seria apenas político-económica, anos mais tarde transformou-se em perseguição e martírio (36).

Descrever o ataque perpetrado pelos holandeses, em 1624 a 9 de Maio, seria uma página “dantesca”. Sobre o assunto, apenas direi: num instante se apoderaram da cidade pondo em debandada o população colhida de

(35) Idem, Marz 1937, pp. 14, 15.

(36) Idem, p. 15.

surpresa. Foram até ao palácio do Governador, que foi preso e, logo de seguida, passaram ao saque (37).

Os religiosos que na altura serviam na capital foram presos e maltratados. Já nesta altura, os holandeses haviam aderido à religião calvinista (38). Prenderam 12 Jesuítas com o seu provincial (que estava de visita à Missão), 4 Beneditinos e alguns frades menores. Os que fugiram foram refugiar-se na cidade de Pernambuco; outros, levando consigo o bispo da diocese, D. Marcos Teixeira (1622-1624), esconderam-se na povoação do Rio Vermelho. O historiador, natural da cidade de Baía, foi preso pelos invasores. Nesta situação, permaneceram durante quatro meses. Uma vez libertados não quiseram fugir e ficaram na cidade socorrendo os doentes e moribundos (39).

Após os momentos de pavor, a população, ajudada pelos frades, criou companhias de assalto para, em ataques de surpresa, atacarem os holandeses. Um ano depois, já o bispo se desfizera do habitáculo dos vivos; os colonos portugueses ajudados pelos nativos, reconquistaram a cidade. No púlpito da Igreja católica, que durante 12 meses estivera ocupado pelos missionários calvinistas, podia pregar-se de novo o Evangelho de Cristo, ao mesmo tempo que nas outras Igrejas se voltava a celebrar a missa. Durante o domínio holandês, “rezam” as crónicas que um frade sobressaía entre todos. Era seu nome de religião, frei Francisco de Santo André a quem os militares portugueses designavam por frei Francisco Valente (40).

Expulsos os holandeses e restabelecida a paz na Custódia, foi muito importante que os frades continuassem no desenvolvimento das tarefas religiosas da evangelização. Na altura, era custódio frei António dos Anjos que determinou se fundassem novas casas em Serenhanhem, Santos e

(37) Idem, p. 16.

(38) *Calvinismo*: “Doutrina e sistema proveniente de J. Calvino. Em boa parte identifica-se o Calvinismo com o luteranismo. Salvas algumas diferenças, existe identidade no seguinte: A única norma da fé e acção é a Bíblia (mas Calvino aceita todo o N.T.); Tudo o que o primeiro homem, recebeu de Deus antes do pecado original (inclusive dos prenaturais e graça sobrenatural) é natural, estritamente devido. Consequentemente, o pecado original não só mutilou a natureza humana, mas corrompeu-a visceralmente, não deixando nela nada de bom. O homem não é livre, mas obedece fatalmente ao império da graça ou ao da concupiscência. Tudo o que faz antes da justificação é intrinsecamente mau.

Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Vol., 4^o, Lisboa, 1966, Col. 555.

(39) Vita Franciscana, Romag, Dagobert, *A História dos Franciscanos no Brasil desde os princípios até a criação da província de Santo António (1500-1659)*, Januar 1938, p. 8.

(40) Idem, p. 9.

S. Paulo. Nestas últimas, as obras de construção foram dificultadas, logo que os holandeses voltaram a invadir o Brasil em 1630 (41).

Esta invasão foi desencadeada debaixo de um clima de terror junto à Igreja e aos religiosos. Muitos franciscanos, relatam os historiadores, foram presos, maltratados e até assassinados. Muitos dos conventos foram transformados em armazéns e quartéis. As Igrejas profanadas e até destruídas; e as missões, que, ao tempo, comportando grande número de catecúmenos foram abolidas e destruídas nas suas raízes mais autênticas. Para conseguirem resguardar a vida, muitos cristãos tiveram que voltar de novo à selva. A “fúria” holandesa foi de tal ordem, que, segundo referem os cronistas, na sua missão avassaladora, destruíram documentos e só vieram a descansar quando na sua companhia se viram privados de qualquer resistência (42).

No ataque perpetrado contra a cidade de Olinda, houve um frade que ficou na memória dos seus 2000 habitantes. Este santo varão terá sido incansável no incitamento às tropas portuguesas que, teimosamente, iam resistindo à “selvajaria” calvinista. Apesar de tudo, as tropas holandesas não deixaram de avançar sobre a cidade e iam subjugando a quantos se lhes opunham. A cidade, finalmente, caiu em poder dos holandeses. O Padre custódio determinou que os estudantes, com seus lentes, frei Francisco dos Santos e frei Bartolomeu dos Mártires se fixassem na cidade da Baía e que ali continuassem seus estudos académicos.

Os cronistas ainda nos informam que outros frades franciscanos acompanharam o Governador para a cidade do Recife (43).

Em Novembro de 1631, referem os cronistas, foi saqueada e incendiada a cidade de Olinda. O convento franciscano foi poupado à onda destrutiva. Todavia, dois anos passados entraram os calvinistas e, de rompante invadiram o oratório, assassinando um santo missionário octagenário, frei Pedro Anzança que nele se encontrava falando com Deus (44). Muitos frades que encontraram prenderam-nos e ainda outros arrastando-os pelo chão deixaram-nos ficar incomunicáveis.

Durante algum tempo, os frades do convento de Olinda ficaram totalmente isolados do mundo e então elegeram frei Jerónimo de Santa Catarina como superior do convento (45).

(41) Idem, Maio de 1938, p. 61.

(42) Idem, p. 61.

(43) Idem, p. 62.

(44) Idem, p. 61.

(45) Idem, p. 62.

Após a ocupação da cidade de Olinda, as hostes calvinistas investiram contra o Recife, onde na altura se encontrava o Governador Matias de Albuquerque. Os holandeses entraram na cidade, pilharam, destruíram e prenderam todos os que se opunham à onda destrutiva. O convento franciscano foi presa fácil e nele estabeleceram o seu quartel general. Alguns frades conseguiram escapar, acompanhando na fuga o Governador foram estabelecer-se em Paranamarim. Nessa localidade, construíram os frades franciscanos uma pequena residência, nomearam como superior frei Luís da Anunciação, antigo Guardião do convento do Recife e ali continuaram o anúncio do Evangelho despertando na “alma” índia desejos de autonomia e liberdade (46).

A “fúria” holandesa teve em mente conquistar todo o litoral e, concretizadas estas vitórias, dirigiram as suas atenções contra o Estado de Paraíba. Aqui, referem os cronistas, não foram bem sucedidos. Nesta região perdeu a vida o valoroso missionário frei Manuel da Piedade.

Os calvinistas holandeses estavam empenhados, como já referi, na conquista de todo o litoral e imediatamente marcharam em direcção a sul, até à provação de Iguarassú (47) que em 1 de Maio de 1632 lhe caiu nas mãos. Arrombaram as portas do convento, aprisionando somente dois frades, já que o guardião acompanhado dos restantes frades conseguiu escapar indo fixar-se com os companheiros na Ilha de Itamaracá (48) que, na altura, ainda não havia caído nas mãos do inimigo. O cronista Jaboaão reputando-se às memórias do convento refere o seguinte: “Em dia de S. Filipe e S. Tiago, do ano de 1632, tendo os holandeses tomado a cidade do Recife, (. . .) vieram a este convento estando os religiosos cantando missa, sem terem notícia de que eles vinham; e uma mulher, que estava na Igreja, deu vozes, que vinham holandeses, o que ouvindo o frade, que cantava missa, com muita pressa consumiu o Santíssimo, que estava no Sacrário, e os mais frades tomando o vaso, em que estava, e todos os mais cálices, e ornamentos nas abas dos hábitos, se saíram do convento; e chegando os holandeses encontraram ainda o frade da missa despindo as

(46) Idem, p. 62.

(47) *Iguarassú*: Município do Panamá, zona fisiográfica do Norte, com uma área de 339 K12. População de 15631 hab. (1960). Composto pelo distrito do mesmo nome. É um município essencialmente agrícola, destacando-se a produção do café e o cultivo da mamona.

Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Vol. 10^o., Lisboa 1970, col. 881.

(48) *Itamaracá*: Ilha do Estado de Pernambuco com 15x6 Kl., separada do continente por um braço de mar, a que deram a denominação de rio de Santa Cruz. No canal do sul sai o rio Igaracu.

Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Vol 11^o., Lisboa 1971, Col. 213.

vestes sacerdotais, e o levaram consigo, e a outro frade velho, que não pôde sair tão depressa e, depois de lhes fazerem muitas afrontas e outras vexações e trabalhos, os foram lançar nas Índias de Castela” (49).

Esta era a situação dos franciscanos na área ocupada pelas tropas calvinistas. Dos seis conventos existentes na área ocupada pelos holandeses só dois estavam ao serviço religioso. Um servia de templo para o culto calvinista; outro, havia sido transformado em armazém de armamento para os soldados calvinistas. As tropas calvinistas e os seus comandantes, procuraram captar a simpatia da população Índia e portuguesa, concedendo uma amnistia a todos aqueles que se apresentassem de livre vontade. Há cronistas que afirmam terem-se apresentado uns 40.000 portugueses, que viviam sem qualquer espécie de apoio espiritual. Nos conventos restituídos (e foram 4) viviam os frades angustiados e em péssimas condições. A situação para com os religiosos Jesuítas, Benedictinos e Carmelitas não era melhor. Os Jesuítas tinham sido expulsos da região, os frades Carmelitas que, na região, tinham tido 10 conventos apenas ficaram com 1 (50).

E quando tudo parecia facilitado nas relações entre católicos e os holandeses calvinistas, eis que tudo se complica por uma carta escrita pelos religiosos franciscanos (apanhada pelos calvinistas) e onde os franciscanos se comprometiam a lutar contra a sua presença e as suas ideias. Esta falta “diplomática” azedou ainda mais o relacionamento entre calvinistas e católicos (51).

A Custódia entre 1633-1640.

Em finais de 1634, os holandeses atacaram, pela segunda vez, a cidade de Paraíba e foram bem sucedidos. Os sitiadores garantiram aos habitantes da cidade a vida, os haveres e aliberdade de religião (52). O convento franciscano da cidade foi ocupado pelos invasores e, nesta situação, se manteve até 1654 (53).

Segundo informa o cronista, o Guardião e outros confrades conseguiram fugir antes da chegada dos invasores e procuraram refúgio no cabo de

(49) Vita Franciscana, Romag, Dagobert, “*A história dos Franciscanos no Brasil desde os princípios até a criação da Província de Sto. António (1500-1659)*”, Maio de 1938, p. 62.

(50) *Idem*, p. 64.

(51) *Idem*, p. 64.

(52) *Idem*, p. 64.

(53) *Idem*, p. 65.

Santo Agostinho, onde Matias de Albuquerque se achava com o seu reduzido número de homens de armas. Neste cabo estabeleceram o seu quartel general e dispersaram para outras localidades, procurando, com a sua presença, animar as populações que entraram em pânico com a presença dos holandeses (54).

No ano de 1635, os habitantes atacaram a fortaleza de Serenhaem; neste ataque não foram bem sucedidos e tiveram que se retirar completamente desbaratados. Mas . . . a teimosia era neles uma virtude. E, alguns meses após o primeiro desaire, investiram contra o esconderijo de *Paranamerim*, que ocuparam (55). Os frades franciscanos que ali prestavam assistência foram presos e mandados para o exílio. De todo este grupo, apenas escapou frei Luís da Anunciação que, na altura do ataque não estava presente; refugiou-se, conjuntamente, com o síndico do convento de Paraíba, numa localidade designada “dos Reis” onde ali outros religiosos se vieram juntar. Frei Luís da Anunciação faleceu ali. Os outros religiosos, algum tempo mais tarde, foram presos e enviados para o desterro (56).

Matias de Albuquerque (57) desgostoso com o que se passava resolveu abandonar a região que estava subjugada ao domínio calvinista. A aposta quer das autoridades quer dos religiosos era o sul. Com o Governador, testemunham os cronistas, partiram muitos portugueses e mais de trinta frades, incluindo o Pe. Custódio. É importante dizer-se que um número razoável de sacerdotes desejou continuar junto dos habitantes que, apesar de toda a incerteza da situação, não queriam abandonar a “massificação” do calvinismo. Estes franciscanos ficaram apenas numa missão de Igreja, porquanto a sua saída punha em causa a continuação cristã daquele povo (58).

(54) Idem, p. 65.

(55) Idem, p. 66.

(56) Idem, p. 66.

(57) Matias de Albuquerque: Militar famoso que nasceu em Pernambuco, no último quartel do séc. XVI, sendo filho de Afonso de Albuquerque, que foi para o Rio de Janeiro com Alexandre de Moura e lá se achou quando o francês Rixante de Laverdier entregou a fortaleza, de que se tinha apossado, e de sua mulher, D. Isabel de Carvalho, filha de João Pais Cambaieiro. (. . .) Chegou a ser Governador de Pernambuco, onde muito se distinguiu na guerra contra os holandeses. (. . .) Tinha casado no Brasil, com D. Isabel de Câmara, filha do moço-fidalgo Rui Gago da Câmara, de quem houve nove filhos, sendo cinco homens e quatro mulheres, todos casados e com geração no Brasil.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. I, pp. 755-756.

(58) Vita Franciscana, Romag, Dagobert, “*A História dos Franciscanos no Brasil desde os princípios até a criação de Santo António (província) (1500-1659)*”, Maio de 1938, p. 66.

Alguns Conventos e a sua situação durante a invasão Holandesa.

Em 1639, o conselho calvinista decretou a expulsão de todos os religiosos. Assim, os conventos franciscanos de Olinda, Serenhaem, Iguarassú e Paraíba estavam na mão dos holandeses, senhores de um vasto império, que se estendia desde Fortaleza ao norte, até ao Rio de S. Francisco a Sul. Os frades que por estas localidades residiam estavam numa condição de clandestinidade. Quando se juntavam, raras vezes, só o faziam quando episodicamente os holandeses abandonavam os conventos (59).

No Estado de Pernambuco os dias não eram favoráveis à presença dos frades. Os calvinistas iniciaram uma campanha terrível contra a presença da Igreja Católica. Os "clandestinos" franciscanos opunham a sua doutrina de paz e do Evangelho junto das populações com quem viviam. Nestas circunstâncias, os calvinistas denunciaram esta situação ao Governador João Maurício de Nassau-Siegen intimando-o a proceder com maior rigor contra os religiosos ainda ali residentes. Refrem os cronistas que o Governador era tolerante em matéria religiosa e não queria atender queixas dos pregadores calvinistas (60). Dessa altura, há mesmo uma licença assinada pelo Governador João Maurício para que dois religiosos se deslocassem a Paris, a fim de receberem ordens sacras. Com a condição de não serem administradas por bispo espanhol e logo que as recebessem deviam regressar ao Brasil. As relações com os frades complicaram-se no final do ano de 1639, quando um religioso franciscano foi ter com o seu Superior Custodial e não levava consigo passaporte holandês. A partir deste episódio, o Governador passou a ter um comportamento para com os religiosos franciscanos diferente: alguns frades foram presos, outros condenados à morte e só a intervenção da população impediu que os frades condenados fossem executados (61). Esta situação não era apenas referente aos religiosos franciscanos, já que se estendia a todas as Congregações que, nesta data, missionavam em território brasileiro. O autor já referido afirma que alguns frades foram desterrados; outros foram lançados ao mar, com pedras presas ao pescoço, e ainda outros morreram a caminho ou no desterro. Southey que coloca o acantecimento no ano de 1644 (data que não parece provável, pois que em 1640, o duque de Bragança subiu ao trono, com o nome de D. João IV), diz: "A medida que era de necessidade -note-se que é o protestante Southey que fala- foi executada com brutal cruelda-

(59) Vita Franciscana, Romag, Dagobert, *"A História dos Franciscanos no Brasil desde os princípios até a criação da Província de Sto. António"*, Maio de 1938, p.68.

(60) Idem, p. 68.

(61) Idem, p. 68.

de como o soem ser deportações semelhantes. Os homens tiraram os hábitos aos frades e em camisa e ceroulas os lançaram na praia tão longe do povoado que a maior parte pareceu (62).

Fim da guerra holandesa e restauração da Custódia.

A revolução de 1640 entusiasmou os portugueses residentes no Brasil. Só em Fevereiro de 1641 a notícia chegou à cidade da Baía. O Governador Geral D. Jorge de Mascarenhas (63) resolveu içar a bandeira portuguesa e proclamar D. João IV como soberano do reino de Portugal e do Brasil. Seguidamente, outras capitánias lhe tomaram o exemplo (64).

Infelizmente, a Nação Portuguesa encontrava-se em situação de derrocada. O exército e a marinha estavam desorganizados; as finanças exaustas; o comércio interno arruinado e o externo (principalmente aquele que partia das colónias) nas mãos do estrangeiro.

No plano interno, as intrigas eram constantes e a conspiração fazia parte do dicionário dos revoltosos. O rei (D. João IV) procurou apoio no exterior, mas nem sempre foi bem sucedido. A máquina da diplomacia espanhola funcionava. Na altura, o mundo prestava homenagem aos feitos de Filipe II. O Papa Urbano VIII procurou assumir posição de neutralidade e só por esta razão, o Bispo de Lamego, D. Miguel de Portugal, sobrinho do Rei D. João IV, não foi recebido oficialmente por Sua Santidade. As diplomacias dos dois Estados Ibéricos guerreavam-se mutuamente. Entre-

(62) Idem, pp. 68, 69.

(63) Jorge de Mascarenhas: "Marquês de Montalvão (m. em Lisboa, 1562). De 1615 a 1619 foi governador e capitão-general da praça de Mazagão. Ao regressar a Portugal foi aprisionado por piratas argelinos, tendo sido resgatado a mandado de Felipe III. Governou Tânger de 1622-1624 e, posteriormente, foi governador do Algarve. Em 1639, foi ocupar o cargo de vice-rei do Brasil, onde o surpreendeu o movimento da restauração. Não obstante as dificuldades, especialmente as motivadas pela presença de 600 soldados espanhóis na cidade da Baía, conseguiu sem luta fazer vingar no Brasil a Restauração. Apesar disso foi preso e remetido para Portugal, onde acabou por ser reabilitado e escolhido para vedor da fazenda, conselheiro de Estado e presidente do Conselho Ultramarino. Voltou a ser preso, sendo pouco depois solto e nomeado mestre-de-campo-general junto do rei. Preso mais uma vez no Castelo de S. Jorge, aí faleceu. Parece que estas detenções à atitude pró-espanhola de seus dois filhos e em especial de sua mulher, a quem o conde de Ericeira atribui a ruína de seu marido.

Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Vol. 12^o., Lisboa 1971, col 1761/62.

(64) Vilta Franciscana, Romag, Dagobert, "A História dos Franciscanos no Brasil desde os princípios até à criação de Santo António (1500-1659), September 1938, p. 137.

tanto, o Papa Urbano VIII falecia. A situação era delicada. O seu sucessor, Inocência X, continuou a política de neutralidade (65).

As negociações e o reconhecimento da política portuguesa, no campo internacional, não surtiu os efeitos desejados. A França de Richelieu e, mais tarde de Mazarino, punham sérias reticências. A Holanda procurou ganhar tempo. Assina um “contrato de aliança ofensiva e defensiva”. Proclamaram-se tréguas durante 10 anos e propunha-se para cada um conservar as suas possessões que tinha na altura da ratificação do tratado (66).

Sobre a questão religiosa, o conde João Maurício continuava tolerante. As exigências absurdas dos pregadores calvinistas não eram aceites e se a presença católica não teve maiores resultados, a culpa deve ser assumida pelos religiosos que na desorientação que reinava após a invasão abandonavam as suas Igrejas e a população ficava à disposição daqueles “missionários” que primeiro chegassem. Apesar dos tempos conturbados de conde de Nassau, alguns templos católicos puderam ser construídos. O conselho supremo dos calvinistas fazia pressão para que a presença católica fosse maior no Sul do que no Norte (67).

Em 1643, ainda os homens do conde de Nassau pensaram em apoderar-se da Vila Vitória, mas encontraram forte resistência organizada pelo franciscano frei Geraldo dos Santos. Os holandeses ainda fizeram nova tentativa para conquistar a povoação, mas conta o cronista que os soldados holandeses olhando para o morro de Nossa Senhora da Penha ficaram atemorizados pelo espetáculo a que assistiam. A ermida mais lhes parecia um forte inexpugnável. Aterrorizados deixaram tudo e regressaram para os navios ao largo da costa. Mas, mesmo assim, ainda deixaram no terreno uns 40 cadáveres. O conde de Nassau não satisfeito com o comportamento dos seus homens e ainda com a Companhia Ocidental das Índias e pela intolerância do Conselho supremo dos Calvinistas, retirou-se em Maio de 1644 para a Holanda. A partir daqui, os portugueses preparavam-se para a insurreição geral. Assim combinaram para que o dia 13 de Junho do ano de 1645 fosse o início do levantamento que teve apoio das autoridades civis e religiosas (68).

Em poucos dias a reconquista foi um sucesso. Iniciou-se o movimento na batalha de tabocas; algum tempo depois, apoderaram-se da fortaleza de

(65) Idem, p. 137.

(66) Idem, p. 138.

(67) Idem, p. 138.

(68) Idem, p. 139.

Santo António do Cabo, depois foi a povoação de Serinhaem; mais tarde, rendeu-se a povoação de Porto Calvo, na mesma altura, tomaram o forte de Penedo, junto ao rio de S. Francisco. Com estas vitórias, a capitania de Paraíba estava libertada e todos estes acontecimentos se fizeram no ano de 1645 (69).

Os franciscanos que entretanto se haviam refugiado no “engenho” dos Reis, voltaram para a cidade e apoderaram-se do convento. Romag é de opinião que para estas vitórias tão significativas contribuiu o conflito anglo-holandês e também o acto de navegação de Cromwel (1651), pois que os holandeses não tinham forças humanas para acudir a todas estas frentes conflituosas. Ainda procuraram, num momento já de desespero, mostrar a sua presença quer em Vitória, quer na Ermida de Nossa Senhora da Penha, quer ainda em Cabo Frio.

As forças portuguesas e os índios os cercaram, os mataram e os que conseguiram fugir foram mortos na cidade de Pernambuco (70).

O papel dos religiosos franciscanos é superiormente reconhecido pelos governadores das várias capitanias. Os frades franciscanos animaram os soldados, socorreram as populações, acompanharam os aflitos em marchas, em cercos e na peleja. E de justiça que se diga que onde se manifestava o perigo holandês, aí se erguia a voz da esperança e da “alma” franciscana a encorajar os mais deprimidos (71).

O culto a Santo António de Lisboa.

A Santo António dedica a população baiana um culto especial. Este tem a sua origem num voto expresso, logo após a reconquista da cidade aos holandeses. Este esquecimento (ou melhor esta lacuna das autoridades) foi amplamente assumido em documento pelo Governador Geral Dom Rodrigo da Costa que pelo seu interesse passamos a transcrever:

“Por quanto o Senado da camara desta cidade me representou por carta de dez de Junho deste ano (1645) se resolvera no mesmo senado mandar dizer todos os annos ao Glorioso Santo Antonio da Barra da ditto Cidade hũa capella de missas, e se lhe fizera voto, de que restaurando-se Pernambuco se lhe faria hũa Imagen de prata, e no dia da Restauração hũa festa, e procissão solemne, como consta do termo

(69) Idem, p. 139.

(70) Idem, p. 140.

(71) Idem, p. 140.

feito em o livro do mesmo Senado, e restaurando-se aquella capitania do poder dos holandezes, (que por espaço de vinte e quatro anos a tyrannizarãõ, e oprimiraõ), se não satisfizera em todo, nem em parte o dito voto; e porque hoje mais que nunca necessitamos dos favores do ditto Santo, não só pellas guerras, que de prezente há em Portugal, se não taõ bem pelas que se prezume poderá haver na Bahya, e ser o dito Santo o primeyro protector desta Cidade; Me pedia o ditto Senado, que em commutação do ditto voto mandasse sentar Praça ao Gloriozo Santo Antonio de capitaõ Intertenido do Forte de Santo Antonio da Barra donde tinha a de soldado razo, athe se dar parte a Sua Magestade, que Deos guarde, e que naõ o havendo assim por bem o ditto senhor, (o que se naõdevia esperar da sua Real Grandeza), restituiria logo o mesmo Senado ao Thesoureiro da Infantaria, (cada hum pro rata), tudo o que tivesse despendido. E à vista da Informaçãõ, que sobre este particular me deu o Provedor Mór da Fazenda Real deste Estado, lhe ordeno por esta mande sentar praça ao Gloriozo Santo Antonio da Barra, e se entregará todos os annos ao Syndico do Convento de São Francisco desta Cidade o mesmo soldo, que se costuma pagar aos mais Capitaões Intertenidos desta Praça”.

Bahya, e Julho 16 de 1705 (72).

A presença holandesa nas várias capitanias do Brasil onde hasteram a sua bandeira deixou marcas bem negras na “alma” fraterna do índio brasileiro que a pouco e pouco assumia a doutrina pregada pelos missionários franciscanos e outros religiosos.

Os calvinistas holandeses destruíram Igrejas, arrasaram conventos, massacraram comunidades e missionários foram presos, foram expulsos e mortos. Apesar de toda esta violência contra a simplicidade franciscana e religiosa, esta foi mais forte e pôde orgulhar-se da sua fé e teimosia (73).

A independencia da Custódia de Santo António (1585-1659).

Os religiosos que a pouco e pouco se fixavam no Brasil tomavam consciência das dificuldades que advinham à Custódia por continuar ligada à Província de Santo António de Portugal. O número de religiosos que abandonavam as suas províncias do reino para integrar a Custódia do Brasil era significativo. Além disso, também as vocações originárias do

(72) Idem, pp. 140, 141. *Crónica de la provincia franciscana de Santiago, 1214-1614*; edic. de Manuel de Castro, OFM, Madrid 1971, 326-29, trata a este culto.

(73) Idem, pp. 141, 142.

Brasil aumentavam. E . . . a organização dos estudos e os mestres que afluíam à Custódia davam razão aqueles que “sonhavam” com a sua total independência. Um ou outro religioso que, por razões sentimentais, se deixava influenciar pela tese contrária dava maior força aos que propunham a sua independência.

Uma das razões mais que evidente, era a nomeação do Custódio que, até 1584, sempre fora nomeado pela Província-mãe com todos os inconvenientes que essas designações continham. Um grande transtorno para a Custódia eram as despesas com as viagens entre a Custódia e a Província. E . . . para além dos perigos das viagens, acrescia a perda de tempo com as mesmas (74).

Tendo em conta o número que nos é fornecido por Manuel da Ilha, em 1621, já então a Custódia contava com cerca de 120 religiosos e com gente capaz de assumir as diferentes actividades inerentes àquela (75).

E um facto que frei Vicente do Salvador, já no ano de 1614, conseguiu alguns direitos e algumas liberdades para a Custódia, porém, não eram suficientes para colmatar as muitas dificuldades.

Nesta fase, e ponderados as prós e contras, o importante era conseguir-se a separação da Província-mãe. Os padres capitulares reunidos no Brasil nomearam frei Pantaleão Baptista para que fosse o fiel intérprete das reivindicações dos confrades brasileiros com vista à independência da Custódia. Esta posição foi mal recebida em Portugal, no entanto, foi bem acolhida pelo Ministro Geral, em Roma, frei João Mazarra de Nápoles, que, por decreto de 12 de Abril de 1647, a declarou capaz de se reger por conta própria, desligando-a da Província-mãe (76).

Começava aqui uma nova fase da vida da Custódia. Os frades exigiam a aplicação das ordenações que haviam sido estabelecidas, pelos romanos pontífices, às custódias reformadas de épocas anteriores. Assim sendo, ela poderia celebrar o seu capítulo custodial de três em três anos, nomear o Custódio, com seus definidores e estes os superiores para os vários conventos. O pontífice para o primeiro capítulo nomeou os padres capitulares da custódia, a saber: frei João Baptista, frei António de Santa Clara, Manuel da Cruz, Jerónimo de Santa Cristina e Francisco dos Santos.

Postos perante a pergunta de quando terá sido decretado a autonomia da Custódia, as opiniões parecem dividir-se: frei Pantaleão Baptista fá-la

(74) Idem, Januar de 1939, p. 179.

(75) Idem, p. 179.

(76) Idem, p. 179.

remontar a 18 de Abril de 1647; frei Apolinário aventa a data de 15 de Maio de 1647, pela bula da erecção "*Ex commissinobis*" parece poder constatar-se ser tal data a de 14 de Agosto de 1647, precisamente a da aprovação da patente do Ministro Geral feita pelo papa Inocência X. Pensamos que a bula papal faz fé e deve ser considerada esta a data mais provável em que foi erigida a Custódia independente. Esta notícia trouxe, salvo raras excepções, grande alegria a todos os frades da Custódia. O mesmo se não afirmará sobre os padres e irmãos oriundos da Província-mãe.

Dentre os muitos que não acataram com bom agrado, a determinação pontifícia, sobressai a figura de frei Gabriel do Espírito Santo que terá argumentado com os perigos que porventura poderiam advir pela sua autonomia apressada e pela distância a que se encontrava de qualquer outra província autónoma. Pensamos que esta atitude terá tido muito a ver com a sua nomeação em capítulo provincial de 29 de Setembro de 1647. Quando este religioso desembarcava no Brasil, chegavam àquele território as cartas pontifícias a determinar a independência da Custódia. Nestas circunstâncias, o bom senso deveria ter funcionado e o P. Custódio deveria ter pedido a sua demissão. Os padres capitulares, já nomeados pelo Santo Padre, confirmariam ou nomeariam um novo Custódio. Não o fazendo haveria que recorrer á "força" do Comissário Geral de Portugal, que era frei Martinho do Rosário para derimir a questão (77).

Após alguma celeuma relacionada com títulos, direitos e obrigações, pôde celebrar-se o 1º capítulo independente da Custódia de Santo António do Brasil a 24 de Fevereiro de 1649. A determinação de maior impacto foi a construção de dois conventos, um na Vila de Paraguassú e outro em Cassarebú, hoje, Macacú, perto da cidade do Rio de Janeiro (78).

Ainda neste mesmo capítulo, foi determinado que o padre Custódio, frei João Baptista, apesar dos seus oitenta anos, iniciasse a visita à Custódia. Felizmente, ainda a começou, mas chegando ao Convento de Santo António da cidade de Santos aí veio a falecer em 13 de Janeiro de 1650. Sucedeu-lhe no cargo frei Sebastião do Espírito Santo (1650-1653), guardião do Convento do Rio de Janeiro. Durante o seu mandato foi decretado, em congregação intermediária, á fundação de mais três conventos, a saber: Santo António de Cainú; Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo e S. Bernardino de Angra dos Reis (79).

(77) Idem, p. 181.

(78) Idem, p. 182.

(79) Idem, p. 184.

Em reunião capitular realizada na cidade da Baía, em 1653, o P. Custódio, frei Daniel de São Francisco, convocou uma congregação intermédia e aí foi determinado fundar o Convento de Nossa Senhora da Conceição, na Vila de Itahem, perto de Santos. E pensamos ter sido, tal como o afirmam os cronistas, o último Convento construído no tempo da Custódia (80).

Finalmente, estando reunidos os padres capitulares na cidade da Baía em 26 de Agosto de 1657 ao ser eleito para Custódio, Frei Pantaleão Baptista houve conhecimento da elevação da Custódia à categoria de Província, a qual havia tido lugar no mês de Agosto do mesmo ano, assim a história de uma Custódia que passava a fazer história com o nome de Província de Santo António do Brasil (81).

O Custódio (frei Pantaleão Baptista) passa a exercer o cargo de provincial atribuído pelo estatuto da Custódia em 1659.

Estudos na Custódia de Santo António do Brasil.

No ano de 1596, quando já o séc. XVI se encontrava no anoitecer, leccionava no Convento de Marim frei Sebastião, de apelido desconhecido, mas que na memória conventual ficou conhecido pelo nome de “Barba de Baeta”. Era oriundo da Província de Santo António de Portugal.

Já no séc. XVII, mais concretamente no ano de 1606, e no mesmo convento de Marim, sendo Custódio frei Leonardo de Jesus, funcionou o curso de Artes. Ali leccionaram frei Vicente do Salvador, que era filho da Custódia e frei Sebastião de Braga donde fora acompanhado por quatro estudantes da Província de Santo António de Portugal. No tempo do Custódio frei Paulo de Santa Catarina, foi leitor do curso de Artes o religioso frei Boaventura de S. Tomás e, mais tarde, com a renúncia deste, assumiu aquele lugar de leitor frei Manuel da Piedade (82).

No ano de 1627, no Convento de Olinda, teve início um curso de Artes e outro de Teologia onde foram lentes, logo no início, os religiosos frei Francisco dos Santos e frei Bartolomeu dos Mártires, ambos filhos desta Custódia. De notar que, o curso teve início no convento de Olinda, e por razões de segurança, já que os holandeses haviam invadido a cidade,

(80) Idem, Mai de 1939, pp. 234, 235.

(81) Idem, p. 235.

(82) Jaboatão, frei António de Santa Maria, *Novo Orbe Serafico Brasilio ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*, Vol. I, Rio de Janeiro 1858,

o curso foi transferido para o Convento da Baía. Aqui, e alguns anos mais tarde, foi lente de todo este curso, frei António dos Mártires que, anos depois, viria a ser eleito provincial. Na altura, era Custódio frei Cosme de S. Damião. No ano de 1639, sendo custódio frei Manuel de Santa Maria, foi lente deste curso frei Daniel de São Francisco, natural da Custódia do Brasil (83).

No ano de 1650, no convento da cidade do Rio de Janeiro, sendo Custódio frei Sebastião do Espírito Santo, leccionou o curso de Artes frei Manuel de Cristo. No curso de Teologia foi também leitor frei Gregório de S. Julião, que, nas crónicas, é designado como o francês. Mais tarde, este mesmo religioso foi transferido para o Convento da Baía, mas veio a terminar a sua carreira, leccionando no Convento do Rio de Janeiro (84).

No ano de 1659 (quando a Custódia assumiu o Estatuto de Província), sendo Custódio frei Pantaleão, como já foi referido, foi lente em Artes frei Simão da Trindade, no Convento de Olinda e entrou como lente no curso de Teologia, no Convento da Baía, o irmão frei Pacífico de Jesus. Neste mesmo convento, e sendo já Provincial frei António dos Mártires, foi lente em Artes frei João da Natividade. Em 1672, ainda no Convento da Baía, leccionou o curso de Artes frei Miguel de São Boaventura e no curso de Teologia frei Domingo Laborda (natural de França) e ainda frei António da Conceição Mialhas (85).

No ano de 1680, no Convento de Olinda foi leitor do curso de Artes e Teologia o irmão frei Miguel de São Boaventura. No ano de 1689, no mesmo Convento, foi leitor dos cursos em funcionamento, o irmão frei Agostinho da Assunção; ainda no mesmo convento e, no ano de 1697, era leitor de vários cursos o irmão frei Luís da Purificação (86).

No ano de 1695, um século depois do início dos estudos programados, no Convento da Cidade da Baía, sendo Provincial frei Jácome da Purificação, assumiu a direcção do curso de Artes e Teologia o Dr. frei Agostinho da Assunção (87).

Estes os cursos e os mestres directores que, nos finais do séc. XVI e durante o séc. XVII, exerceram influência no desenvolvimento dos Estudos, primeiramente na Custódia e, depois, na Província de Santo António do Brasil.

(83) Idem, p. 345.

(84) Idem, pp. 345, 346.

(85) Idem, p. 346.

(86) Idem, p. 346.

(87) Idem, p. 346.

Figuras importantes da Custódia e da Província e algumas obras.

Frei Luís da Anunciação: Segundo refere o cronista Jaboaão, há um manuscrito que aponta alguns dados sobre este autor. Citando o autor referido foi religioso de muito mérito nesta Província do Brasil (88).

Frei António da Conceição Matias: Era natural da Cidade da Baía e fez a sua profissão no Convento de São Francisco da mesma cidade. Foi leitor de Teologia num curso existente no mesmo Convento; foi Guardião do Convento da Paraíba. Faleceu no Convento da Baía a 23 de Novembro de 1691. Foi grande orador sagrado. Ficou célebre o “*Sermão das Exéquias do Governador Geral da Baía Afonso Furtado de Mendonça, a 26 de Novembro de 1675*” (89).

Frei António de Santa Maria Jaboaão: Nasceu na freguesia de Santo Amaro, no distrito do Recife de Pernambuco, sendo filho da Província de Santo António, onde professou a 12 de Dezembro de 1717 no Convento de Santo António de Paraguaçu, com 22 anos de idade. Fez os seus estudos no Convento franciscano da cidade de Baía. Exerceu muitos cargos na Província: foi pregador, mestre de Noviços, Guardião, Secretário no capítulo Provincial, definidor e cronista principal da Província. Foi poeta. Eis alguns dos seus sermões mais importantes:

- “*Discurso Histórico, Geográfico, Geneológico, Político e Encomiástico, recitado em a nova celebridade, que dedicarão os Pardos de Pernambuco ao Santo da sua cor, o Beato Gonçalo Garcia, impresso na Ofidina de Pedro Ferreira em 1751* (90).
- “*Sermão de Santo António em dia de Corpo de Deus*”, no Convento do Recife, na mesma oficina e ano (91).
- “*Sermão de S. Pedro Mártir*”, na Matriz do Corpo Santo do Recife, na mesma oficina e ano (92).
- “*Josefina Régio-Equívoco-Panegírico*”, três práticas, e um Sermão do Glorioso Patriarca S. José, oferecidos ao Ex.mo Rei D. José I, pregado na Igreja Matriz da cidade de Paraíba, impresso na oficina Ferreiriana em 1753 (93).

(88) Idem, p. 346.

(89) Idem, p. 347.

(90) Idem, p. 347.

(91) Idem, p. 347.

(92) Idem, p. 347.

(93) Idem, p. 347, 348.

- “*Gemidos Seráficos*” impresso na Oficina de Francisco da Silva no ano de 1755 (94).
- “*Jaboatão Místico em correntes Sacras dividido, corrente primeira, Panegírica e Moral*”, impresso na Oficina de António Vicente da Silva, no ano de 1758 (95).

Obras manuscritas:

- “*Corrente II. Panegírica e Moral*”, consta de vários sermões sobre solenidades e santos (96).
- “*Corrente III. Seráfica e Panegírica*”, contém sermões dos Santos e de várias solenidades celebradas na nossa Ordem (97).
- “*Corrente IV. Moral e Ascética*”. Sermões do tempo da Quaresma, sobre a penitência e doutrina (98).
- “*Corrente V*”. Sermões em diversas festividades de Nossa Senhora.
- “*Chronica da Província, parte I. Hic*” (99).

E o autor acrescenta: “Ao tempo, que acabavamos de assentar o Quadro acima nesta Estancia, nos chegarão da Impressão nesta frota de 1757 os dous, que agora se seguem, com que a pudesseamos acrescentar, e por isso vão também fóra da ordem, que se costuma seguir nas listas dos Alfabetos” (100).

Frei Jerónimo da Ressurreição: E natural de Pernambuco, filho da Província de Santo António. Foi leitor de um curso no Convento de Olin-da. Foi Guardião várias vezes, em Conventos diferentes e definidor da Província. Faleceu a 11 de Abril de 1723. Escreveu uma obra que deu o título: “*Frutas do Brasil*” (101).

Frei Lourenço da Ressurreição: Nasceu na cidade da Baía. Compôs uma obra a pedido de frei Cosme do Espirito Santo que entitulou: “*Cere-*

(94) Idem, p. 348.

(95) Idem, p. 348.

(96) Idem, p. 348.

(97) Idem, p. 348.

(98) Idem, p. 348.

(99) Idem, p. 348.

(100) Idem, p. 349.

(101) Idem, p. 358.

monial da Provincia de Santo Antonio do Brasil”, impressa em Lisboa no ano de 1708 (102).

Frei Pantaleão Baptista: Filho da Custódia de Santo António, frade muito zeloso no bem espiritual das almas. Foi encarregado de várias missões diplomáticas, missões que cumpriu com muito agrado das autoridades. Compôs:

“Ramallete espiritual de todo o género de bellas, e sanctissimas flores, colhidas no amenissimo Jardim de Italia, tanto para os devotos, e peregrinos, que a ela forem, e quizerem gozar do seu celestial cheiro, quanto para os que em suas patrias desejarem saber as devoções grandissimas, que no espirital, e temporal nella se colhem”, impresso na oficina Crasbekiana, 1655 (103).

Frei Rafael de S. Boaventura: Foi sua terra Natal a linda cidade de Olinda, entrou na Custódia de Santo António tendo professado no Convento da Baía, no ano de 1602. Aqui exerceu o cargo de Guardiã. Foi, no seu tempo, orador de grandes méritos. Foi o primeiro religioso a deixar umas notas dispersas sobre alguns frades cuja virtude fez fama na Custódia, com a colaboração de outros confrades deixou:

“Memorial, em que se representaõ as decentes causas, que tem a Custodia de Santo Antonio do Brasil, para a justa pertençaõ da sua independencia da Provincia de Portugal”.

Este religioso morreu com a idade de 72 anos (104).

Frei Vicente do Salvador: Nasceu na pitoresca cidade da Baía. Nesta emitiu os votos. Durante a sua vida foi nomeado, várias vezes, guardião. Foi Custódio numa época em que se pedia a independência em relação à província-mãe. Fez os seus estudos na Universidade de Coimbra e aí se doutorou. No Brasil, e nas casas da Custódia, leccionou um curso de Artes. Deixou escrita a *“Chronica da Custodia do Brasil”*. Dela faz menção o autor do *Agiológio Lusitano* tom. I, p. 469 (105).

Muitos outros talentos “gastaram” as suas energias pregando, ensinando, lutando contra a tirania das autoridades e a invasão estrangeira. O séc. XVII, foi, na opinião de muitos cronistas e investigadores, o grande

(102) Idem, p. 369.

(103) Idem, p. 371.

(104) Idem, p. 371.

(105) Idem, p. 376.

século da evangelização. No séc. XVIII, o cronista Jaboatão refere algumas dezenas de grandes missionários e homens de letras que tornaram mais bela a Província de Santo António. Por estar fora do âmbito do meu trabalho não as refiro.

Nomes de alguns religiosos franciscanos referenciados nas crónicas do séc. XVIII e que missioram no Brasil.

Frei Henrique de Coimbra: Bispo de Ceuta, primeiro franciscano a celebrar a Santa Missa em “chão brasileiro. Foi Inquisidor do Reino e, no seu tempo, se queimou solenemente, o primeiro Judeu, na Praça de Olivença.

Era o Superior de um grupo de franciscanos que seguia na armada de Pedro Alvares Cabral. Foram eles os primeiros a chegar a Porto Seguro (106).

Frei Pedro Palacios: E o religioso que em algumas crónicas passa com o nome de “Rio Seco”, por ser natural de “*Medina de Rio Seco*”, no reino de Castela. Fez o seu noviciado na Província de S. José de Castela e aí professou. Há quem afirme que o terá feito no ano de 1561. Anos mais tarde, ingressou na Província de Arrábida, que um seu conterrâneo, frei Martinho de Santa Maria iniciou na Serra do mesmo nome, perto de Setúbal. Alguns anos depois encontramo-lo no Santuário de Nossa Senhora da Penha, perto da Vila de Vitória, no Brasil. Como estava só no Santuário, deslocava-se todos os domingos à Vila e participava na missa celebrada pelos padres Jesuítas, que já se encontravam ali. Durante muitos anos recebeu direcção espiritual dos padres Jesuítas. O seu apostolado foi exercido no santuário de Nossa Senhora da Penha (107).

O ven. frei António das Chagas: Estudou na cidade dos Arcebispos e, mais tarde, é nomeado moço de Câmara del Rey Dom Sebastião. Anos mais tarde, ingressou na Província de Nossa Senhora da Arrábida e posteriormente pediu para passar ao Brasil ansioso por se ocupar na conversão do gentio. No sertão brasileiro tomou a seu cuidado a ermida de Nossa Senhora da Penha. O cronista refere que este “santo” religioso obrou maravilhas no Santuário à sua guarda.

(106) Piedade, frei António, “*Espelho de Penitentes e Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*”, Tomo I, Lisboa 1728, n^{os}. 601-602.

(107) Idem, p. n^{os}. 608, 609, 610.

Cansado e “vergado” pela muita idade regressou a Portugal sendo sepultado no Convento de Santa Catarina de Ribamar (perto de Algés)(108).

Frei Domingos do Rosário: Nasceu na Vila de Gouveia, diocese da Guarda. Foi grande orador sagrado no seu tempo. Ingressou no Seminário Apostólico de Varatojo (junto à Vila de Torres Vedras), pregou por todo o Portugal, Ilhas dos Açores e, finalmente, no Brasil. Foi nomeado pregador oficial do Santo Ofício. Trabalhou na cidade da Baía e também na cidade de S. Paulo. Depois de passar uma temporada no Brasil ingressou novamente no Convento de Varatojo. Desejoso de maior perfeição foi, um dia, bater à Província dos Arrábidos, foi aceite e algum tempo depois é colocado no Convento de S. Cornélio, cargo que não quis aceitar por humildade. Morreu com a linda idade de 80 anos no hospício de Mafra e aí foi sepultado (109).

Frei Francisco da Conceição: Segundo o cronista já referido é natural das Beiras. Entrou ainda jovem na Província de Santa Maria da Arrábida. Anos mais tarde, na companhia do Vice-Rei Vasco Fernandes César passou à Índia.

Alguns anos volvidos, vamos encontrá-lo na cidade de Baía, na companhia do seu benfeitor e com a patente de Comissário Geral da T. Santa, patente doada pelo Reverendíssimo P. Guardiã de Jerusalém; durante os seis anos que ali viveu, juntou seis mil cruzados, deixando erguido um hospício, na cidade da Baía, para acomodação dos religiosos que se dedicavam nesta santa peregrinação das esmolos (110).

Frei Luís da Ressurreição: Foi nomeado pelo P. Geral de toda a Ordem Franciscana a visitar a “Província” de Santo António do Brasil. O cronista adjectiva sobre este religioso: homem muito prudente e cheio de virtude. No cumprimento da sua missão esteve dois anos em terras do Brasil (111).

No reinado do Rei D. Pedro II doze religiosos Arrábidos estiveram nomeados para ir substituir os padres Oratorianos que, por razões superiores, iriam abandonar a missão de Pernambuco. Infelizmente, à última hora, a sua ida não foi necessária já que os padres Oratorianos resolveram ficar.

(108) Maria, frei José de Jesus; *Chronica da Província de Santa Maria da Arrábida*, T. II, Lisboa 1737, n.º. 154.

(109) Idem, n.ºs. 1094, 1095.

(110) Idem, n.º. 730.

(111) Idem, n.º. 613.

Segundo consta, apesar das muitas necessidades que alguns Conventos da Custódia em pessoal estes doze religiosos ficaram em Portugal (112).

Anos mais tarde, e a pedido de Fidel Franco Bolloto, foram enviados para o Brasil os seguintes religiosos da Província de Nossa Senhora da Arrábida:

Frei Cipriano de Santa Teresa: Este franciscano fez o noviciado na Província de Portugal, tempos depois encontra-se incorporado na Província da Arrábida e foi homem “valente” nas missões do Recife (113).

Frei José de Jesus Maria: Frade Arrábido que, na Província, exerceu o cargo de pregador. No Brasil segundo o cronista procurou lutar pelos direitos dos índios que as autoridades e os colonos não reconheciam (116).

Frei Pedro de S. Francisco: Frade leigo, com alguns conhecimentos de língua latina.

Na vida civil exerceu o cargo de desembargador do Paço. Afinal, tudo o que lhe havia sido prometido quando partira para a cidade de Baía não se confirmava, diz-nos o cronista. Resolveu ir viver com os capuchinhos Barbónios enquanto a sua situação não fosse resolvida. E ali viveu ... (117).

Alguns religiosos da Província de Santo António de Portugal que evangelizaram o Brasil.

D. Frei Miguel de Bulhões: Ingressou ainda muito jovem na Província da Arrábida. Exerceu vários cargos na Província. O Governo nomeou-o e a Santa Sé confirmou a sua nomeação para Bispo do Pará e Maranhão.

Teve papel preponderante na isenção de jurisdição do hospício de S. Boaventura (116).

Frei Luís da Anunciação: Ingressou na Província de Portugal e já no Brasil foi escolhido para Provincial da antiga Custódia (117).

(112) Idem, n^o. 734.

(113) Idem, n^{os}., 1087, 1088.

(114) Idem, n^o. 870.

(115) Idem, n^{os}., 1087, 1088.

(116) Deus, frei Martinho de, *Escola de Penitencia caminho da Perfeição* (. . .), *Chronica de Santa Província de Santo António*, Tomo I, Lisboa, 1740, n^{os}., 23-25.

(117) Idem, n^{os}. 23-25.

Frei João de Santo António: Foi nomeado pela Província de Santo António de Portugal comissário Geral na Custódia (118).

Frei Faustino da Graça: E natural da cidade de Aveiro, em território Brasileiro foi comissário substituto de frei João de Santo Atanásio (119).

Frei Marcos de Santo António, Frei José da Anunciação, Frei José de São Tiago, Frei Francisco da Conceição e Frei Carlos das Chagas: Todos estes religiosos foram missionários em território brasileiro e deixaram o seu nome ligado às aldeias de Santo António de Zari e de Nossa Senhora da Conceição de Tuaré (120).

Frei José da Conceição: Foi sua terra Natal a cidade do Porto. Entrou na ordem franciscana na Província de Santo António e mais tarde foi até ao litoral brasileiro, onde, segundo refere o cronista, terá convertido mais de 400 índios (121).

Frei João de S. Francisco: Natural de Valezim, entrou na Província de Santo António: aí fez os seus estudos e no Brasil foi trabalhar para a aldeia da Ilha do Cavianá (122).

Frei Luís de S. Francisco: Foi sua terra natal a linda cidade de Viana de Castelo, depois de feitos os estudos na Província pediu para partir para o Brasil onde exerceu extraordinária missão na evangelização dos Índios (123).

Frei António das Chagas: Já no Brasil foi nomeado guardião do Convento do Maranhão (124).

Frei José de São Francisco: Exerceu o cargo de Superior das Missões no Brasil (125).

(118) Idem, n^{os}. 23-25.

(119) Idem, n^{os}. 23-25, 36

(120) Idem, n^{os}., 23-26, 36.

(121) Idem, n^o., 36 e seg.

(122) Idem, n^o., 36 e seg.

(123) Idem, n^o., 36 e seg.

(124) Idem, n^o., 36 e seg.

(125) Idem, n^o., 36 e seg.

Alguns religiosos da Província da Imaculada Conceição de Portugal que evangelizaram o Brasil.

Frei João Carlos Orlandine: Na Província da Imaculada fez o noviciado e também os estudos. Mais tarde, é nomeado para as missões do Brasil. Foi superior das várias missões no Estado do Maranhão (126).

Frei Melchior das Neves: No reinado do Rei D. Pedro II de Portugal foi nomeado para chefiar uma missão de religiosos da Província da Imaculada que seguiam para o Estado do Maranhão. Cargo que exerceu escrupulosamente (127).

Frei Manuel Pestana: No Brasil exerceu o cargo de Comissário Geral e guardião do Convento de Nossa Senhora das Mercês (128).

Frei Vitoriano Pimentel: No Brasil foi Guardiã do Convento de Nossa Senhora do Carmo (129).

Frei Manuel de Moura: Em território brasileiro foi nomeado regente do hospício de Nossa Senhora da Piedade (130).

Frei João de S. Diogo: Foi nomeado Comissário da Província de Santo António (131).

Frei Martinho da Conceição: Foi sua terra natal a capital do Império. Anos mais tarde, pediu ao Provincial (da Província da Imaculada) que o recebesse. Foi admitido. Após os estudos e ordenação, pediu licença para ingressar nas Missões do Brasil. Aí, segundo os cronistas, exerceu boa actividade (132).

Frei Silvestre de Cristo: Foi natural de Lisboa, Trabalhou nas missões do Maranhão no Brasil (133).

(126) José, Frei Pedro de Jesus Maria e; *Chronica da Real Província da Conceição de Portugal*, Tomo I, Lisboa 1760, n^{os}., 36-40.

(127) Idem, n^{os}., 36-40.

(128) Idem, n^{os}., 36-40.

(129) Idem, n^{os}., 36-40.

(130) Idem, n^{os}., 36-40.

(131) Idem, n^{os}., 36-40.

(132) Idem, n^o., 27.

(133) Idem, n^c., 27.

Frei Manuel da Madre de Deus: Foi sua terra natal a cidade de Lisboa. Trabalhou incansavelmente, assim diz o cronista, em terras do Brasil (134).

Estes últimos religiosos trabalharam no Estado do Maranhão. Muitas vezes foi o talento, a força, a coragem que motivaram o “milagre” de conseguir grandes vitórias, onde a derrota parecia reinar. Sem meios, mas com vontade conseguiram impôr-se ao meio hostil.

Frei Luís da Anunciação: Pouco ou nada sabemos sobre este religioso. Foi missionário em terras do Pará (135).

Frei João do Sacramento: Deste religioso apenas sabemos através do cronista do Província da Imaculada que trabalhou nas Missões do Pará (136).

Frei Manuel da Conceição: Dados biográficos não temos. O cronista apenas nos refere que este religioso, da Província da Imaculada, substituiu nas funções missionárias, o seu confrade frei João do Sacramento (137).

Da História Seráfica e Cronológica da Orden de S. Francisco da Província de Portugal.

D. Frei João da Madre de Deus: Segundo o testemunho do cronista frei Manuel da Esperança este “pastor” da Igreja é natural da cidade de Lisboa e foi baptizado na Igreja dos Mártires, ao actual Chiado. Estudou Latim no Convento de S. Francisco e órgão também. A música foi a razão da sua conversão. Pediu ao Provincial que o recebesse na sua Ordem, o pedido foi aceite e fez o noviciado no Convento de S. Francisco na cidade de Santarém. Aí frequentou o curso das Artes. Fez os estudos teológicos no Convento de S. Boaventura em Coimbra. Nesse colégio exerceu o professorado. Foi orador oficial dos reis D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II. Foi brilhante no discurso da oratória.

Escreveu vários livros, entre os mais importantes, referimos: “*Incarnatione*” e “*Sacramentis in genere*”.

D. Pedro II nomeou-o 1º Arcebispo da diocese da Baía. A sua eleição foi a 13 de Janeiro de 1682.

(134) Idem, n.º. 27.

(135) Idem, n.º., 27 e seg.

(136) Idem, n.º., 27 e seg.

(137) Idem, n.º., 27 e seg.

Foi na sua diocese o verdadeiro "pastor". Visitou todas as comunidades cristãs. Ergueu a residência Episcopal. Cansado e gasto pelos anos, faleceu na cidade da Baía a 13 de Junho de 1686 (138).

A Biblioteca Lusitana de Diogo Barbosa Machado após investigação morosa apenas refere os seguintes religiosos que passarei a citar. Não acrescento outros dados, pois que os mesmos podem ser consultados nos tomos e nas páginas indicadas:

Tomo II:

- Frei Francisco Xavier de Sta. Tereza (séc. XVIII), p. 278.
 Frei Gaspar da Ascensão (séc. XVII), p. 306.
 Frei Jacome da Purificação (séc. XVII), p. 435.
 Frei João de Santo Atanásio (séc. XVII), p. 544.
 Frei João Baptista (séc. XVII?), p. 545.
 D. Frei João da Madre de Deus (séc. XVII), p. 628.
 Frei João da Presentaçam Campelli (séc. XVIII), p. 670.
 Frei João da Veiga (Chile)(séc. XVI?), p. 721.
 Frei José de Jesus Maria (séc. XVII-XVIII), p. 792.
 D. Frei José de Santa Maria de Jesus (séc. XVIII?), p. 802.
 Frei José de Santa Ana (séc. XVIII?), p. 813. (139).

Tomo III:

- Frei Lourenço da Ressurreição (séc. XVII), p. 36, 37.
 Frei Luís de S. José (séc. XVII), p. 105.
 Frei Manoel Calado (séc. XVII), p. 208.
 Frei Manoel do Desterro (séc. XVII?), p. 242.
 Frei Manoel da Encarnação (séc. XVIII), p. 246.
 Frei Manoel da Madre de Deos Bulhões (séc. XVII), p. 2.
 Frei Manoel de Santa Maria (séc. XVII), p. 300.
 Frei Miguel de S. Francisco (séc. XVIII), p. 466.
 Frei Pantaliam Baptista (séc. XVII), p. 502.
 Frei Paulo do Nascimento (séc. XVII), p. 516.
 Frei Vicente do Salvador (séc. XVII), p. 770. (140).

(138) Esperança, frei Manoel, *Historia Serafica Cronológica da Ordem da S. Francisco na Província de Portugal*. Livro II, N^{os}. 1219, 1220

(139) Machado, Diogo Barbosa; *Biblioteca Lusitana*, Tomo I, 2a, edição, Lisboa 1930.

(140) Machado, Diogo Barbosa; *Biblioteca Lusitana*, Tomo III, 2a, edição, Lisboa 1933.

Tomo IV:

- Frei António de Sto. Alberto (séc. XVIII), p. (?).
 D. Frei António de Guadalupe (séc. XVII?), p. 34.
 Frei Francisco de Santo António (séc. XVIII), p. 114.
 Frei Francisco de Santa Rosa (séc. XVIII), p. 129, 130.
 Frei Joaquim da Conceição (séc. XVII), p. 153.
 Frei João de Santo Atanásio (séc. XVII), p. 156.
 Frei José de S. Diogo (séc. XVII), p. 161.
 Frei João de Jesus (séc. XVIII), p. 163.
 Frei José da Conceição (séc. XVII-XVIII), p. 184.
 Frei José da Natividade (séc. XVII), p. 198.
 Frei José dos Santos C. e Damião, p. 203, (séc. XVIII)
 Frei Manoel da Encarnação (séc. XVIII), p. 217.
 Frei Matheos de Jesus e Maria (séc. XVIII), p. 234.
 Frei Pedro de Sta. Rosa (séc. XVIII), p. 237. (141).

Conclusões.

Muitos dados foram referenciados ao longo do nosso trabalho. Ficámos com uma certeza: os Franciscanos Portugueses e brasileiros honraram o carisma da Ordem e realizaram obra da Igreja Universal.

- 1.- É absolutamente certo que, no séc. XVII, há na Custódia de Santo António um número significativo de religiosos franciscanos oriundos do Brasil.
- 2.- Na actuação dos missionários pode vislumbrar-se alguma tolerância para com os “usos da terra” e ainda defendendo os direitos dos povos indígenas contra as autoridades e colonos.
- 3.- No séc. XVII, para além da força franciscana encontramos Oratorianos, Carmelitas, Jesuítas, Dominicanos, Agostinhos, Capuchinhos, Padres Seculares etc. inseridos no movimento missionário.
- 4.- Encontramos todos estes missionários imbuídos de um sentimento de revolta pela presença calvinista holandesa ao longo da costa brasileira.

(141) Machado, Diogo Barbosa; *Biblioteca Lusitana*, Tomo IV, 2a. edição, Lisboa 1935.

- 5.- Os religiosos franciscanos, como também as outras ordens religiosas, passam a ser uma presença efectiva através de construções definitivas.
- 6.- Foi também no séc. XVII que os religiosos passaram a organizar a sua vida conventual, estabeleceram o currículo disciplinar, enviaram à Europa os mais doutos e organizaram internamente graus académicos.

Não tenho tívuda nenhuma em afirmar que o séc. XVII foi um século de expansão missionária. Mais: O Brasil cristão de hoje deve muito à presença silenciosa dos missionários franciscanos e de outras Ordens e Congregações do séc. XVII. O sangue dos mártires do séc. XVII foram "*semente de cristãos*" para os nossos dias.